

# PÚBLICO

M A G A Z I N E

N. 229 24/7/94

**AVENTURA**

**SAFARI SUBMARINO  
NA TAILÂNDIA**

**ENTREVISTA**

**COUSTEAU E A MAGIA  
DOS OCEANOS**

## PINTORES DO LEVANTE

**JORGE  
MARTINS**

**RENÉ  
BERTHOLO**

**COSTA  
PINHEIRO**

**MANUEL  
BAPTISTA**



**É** uma casa mágica. Fica nos montes, por entre as alfarrobeiras, o calor e desordenados canteiros de flores do campo. A luz crua do princípio da tarde vai deixando na cal do muro uma cada vez mais insuportável brancura e o canto das cigarras torna ainda mais obsessivo o calor de Junho: “Aqui tenho o tempo necessário para fazer pintura. Por isso, aqui não será mais um lugar de passagem, mas um sítio de ficar.”

René Bertholo, alto, esguio, pintor de cabeça e rosto de poeta ou músico, vinha de vez em quando passar férias ao Algarve. Vinha sobretudo no Inverno. Era quando vivia em Paris, no centro de uma agitação feita de solicitações e do ruído da gente. Um dia, veio uma vez mais e viu um lugar silencioso que tinha uma ruína. Construiu-lhe uma casa com cal e com barro, e decidiu ficar.

Para trás ficavam vidas como se fossem outras tantas encarnações que o levaram, ao longo de quatro décadas, a Lisboa e à Escola das Belas-Artes, a Munique e a Paris, de novo a Portugal, a Berlim e outra vez a Paris.

Agora, aqui no Sul, é como se o tempo tivesse parado definitivamente e é a luz — e não as horas — que lhe determinam o ritmo da respiração e da pintura. Sentado no seu “atelier”, situado por detrás da casa, diante de algumas das suas telas, que em breve estarão expostas em Faro, René Bertholo vai dedilhando a história da sua vida. E pela sua fala sincopada vão passando descobertas e aventuras, viragens e experiências.

“Um dia, vi um quadro de Klee e tive vontade de pintar.” Foi a sua primeira “influência”, essencial porque lhe delineou o caminho. René nasceu em Alhandra, o pai era pintor, também ele, e quis que o filho, que cultivava a paixão da engenharia, lhe seguisse a vocação e os passos.

“Meteram-me na António Arroio e depois nas Belas-Artes. O meu pai nunca percebeu que a minha queda era engenharia e não a arquitectura. Três anos depois, saí das Belas Artes, estava farto, queria pintar para mim...”

Dois anos de “trabalho em publicidade” não o afastam da pintura. Pelo contrário: continua a pintar e, um dia, o destino sai-lhe ao encontro. Foi quando um alemão, nos idos de cinquenta, visitou uma exposição no Chiado que mostrava telas de Costa Pinheiro, Escada, Vieira da Silva, Lurdes de Castro e dele próprio, e os quis expor a todos em conjunto, na Alemanha. Em Munique.

“Já estávamos a pensar partir. Em Portugal não havia galerias, nem ‘marchands’, havia apenas salas... E depois, para lá da fronteira, o chamamento de Klee, de Kandisky, exerceu sobre nós uma atracção forte, era gente com tradição, com trabalho, com grupo. Paris? Acho que tivemos medo e, como tínhamos este convite para Munique...”

A verdade é que, seis meses depois, estavam todos em Paris: o Costa Pinheiro, o Gonçalo Duarte, a Lurdes de Castro, ele próprio.

“E se Paris fosse melhor? Fomos para lá... Além disso, eu tive a sorte incrível de ter uma bolsa, facilitou-me a decisão.”

Ah, os célebres tempos de Paris nesse início da década de sessenta... O perfume da ilusão, de todas as ilusões, o desconforto das condições de vida, a aventura do trabalho, a descoberta da cidade e do meio, as dificuldades, a tremenda luta pela sobrevivência, as noites que se estendiam até às madrugadas, a boémia, as “chambres de bonne”, um esconso no alto de um patamar de seis andares sem elevador.

Mas, aqui, o pintor faz uma pausa. E por ela passa a sombra de Vieira da Silva e Arpad Szènes, asa protectora cobrindo os primeiros — e os segundos... — passos de René Bertholo em Paris, como que talhando um corredor por onde passava, ao mesmo tempo, a afectividade e a protecção, a ajuda material e a porta aberta dos contactos. Hoje, persiste ainda, intacta e impressiva, a memória de tudo isso no coração do pintor.

“Eu quero dizer que a Vieira e o Arpad nos ajudaram muito, muito... Faço questão. Abriram-nos uma conta para podermos comprar telas e tintas e pincéis, davam-nos de comer, procuraram-nos contactos e, quando íamos a casa deles, punham uma nota das grandes na bolsa da Lurdes...”

Vieira “mãe protectora” ou Vieira “sacerdotiza”, como aqui também diz o pintor Manuel Baptista, nestas mesmas páginas.

“Guardávamos a casa deles quando, no Verão, iam de férias para o campo... Nós vivíamos num pequeno quarto em casa dumas pessoas, o dono de uma merceariazinha que havia em frente dava-nos a fruta que já estava tocada, nós éramos simpáticos, alegres, jovens, comunicativos, as pessoas gostavam de nós... Depois, um dia, a Vieira passou a vir fazer serigrafia para nossa casa — entretanto, tínhamos já mudado para um lugar um pouco maior. Ela não conhecia a técnica que nós já

dominávamos, porque havíamos feito serigrafia em Portugal, no final dos anos cinquenta... A Vieira trabalhava directamente na seda, era um trabalho absolutamente fascinante... Também lá estava, nesse tempo, o António Dacosta, uma pessoa singular, riquíssima; fizemos uma amizade belíssima, que durou até à sua morte, tínhamos uma relação de amizade fraternal e terna... Conversávamos da janela dos nossos quartos de “bonne”, eram todos seguidos, na Rue des Saints Pères. É curioso, nunca mais voltei a passar por lá... naturalmente, não quero encontrar lá a minha sombra...” [Pausa].

“Mas nunca encontrei ninguém como o António Dacosta, ninguém como ele sabia falar tão bem da pintura que via... Foi a primeira



**“Um dia, vi um quadro de Klee e tive vontade de pintar. Meteram-me na António Arroio e depois nas Belas-Artes. Três anos depois, saí das Belas Artes, estava farto, queria pintar para mim...”**

peessoa que me disse para transformar em pintura aqueles mil desenhos que eu ia fazendo em folhas de papel... Desde criança que eu tinha o fascínio das bandas desenhadas, sonhava com o Mandrake e li o Tintin até tardíssimo... Mais tarde, na adolescência, até quis fazer filmes como o Mac Laren... Mas o Leonardo da Vinci e o Mark Tobey também tinham cadernos com mil imagens. E o Leonardo fascinava-se pela mecânica e também pintava...”

Esses primeiros anos de Paris trazem, então, uma certeza a René Bertholo. E, de caminho, marcam uma viragem. É quando, por volta do ano de 1963, a sua pintura passa a ser “identificável”.

“A partir desse momento, fiz coisas que passei a reconhecer como mais >>>



René Bertholo: "Há, nestas pinturas, algo que tem a ver com tudo isto aqui à roda... É aqui que vivo."

>> minhas; a partir daí, os meus quadros passaram a ter algo de mais pessoal. Já tinha havido Klee e a sua influência, que me deram vontade de seguir por ali. Mas, depois, houve outros sinais. E o António Dacosta foi essencial... Houve então o desejo de misturar elementos abstractos e figurativos, a vontade de fazer uma sopa de múltiplas imagens... Ou o quadro dividido em duas metades, por exemplo..."

Entretanto, estes amigos-pintores, mais preocupados em dar sinal de si que com a procura de afinidades estéticas que os agrupassem ou em escolas que os definissem, formam o Grupo KWY e fazem uma revista. Foi a primeira grande aventura parisiense com a sua assinatura.

"Já nos conhecíamos uns aos outros de Lisboa; a revista foi uma espécie de carta aos amigos que a Lurdes e eu imprimíamos no nosso

quartinho do Boulevard Pasteur... Era o Escada, a Vieira, o Gonçalves Duarte, o Costa Pinheiro... O Cristo, entretanto, juntara-se ao nosso grupo e houve um alemão, o Jan Voss, que conhecíamos de Munique e que, quando se mudou, como nós, para Paris, também participou desta aventura. A revista deu-nos a conhecer, saía de seis em seis meses, creio que terão aparecido 13 números. Foi a revista que deu corpo e alma ao Grupo KWY e que originou que fizéssemos diversas exposições em Paris, na Alemanha, em Portugal."

A partir de então, René Bertholo expõe com frequência, as galerias procuram-no, começa a vender. "Houve aceitação, começou a roda dos contratos, a partir de 63 vendi tudo o que ia fazendo."

Portugal era um país ao longe, que vivia sob uma ditadura. René Bertholo vai ficando em Paris, Lisboa apertada não lhe interessa. Os anos vão passando, René tem cada vez mais a sensação de que "está há muito tempo a fazer a mesma coisa": "Cansei-me, pareceu-me que estava num beco sem saída. Virei-me então para os objectos, nunca mais pintei a não ser um quadro que fiz a meio da década, talvez 66, para o Manuel Brito."

É o tempo das máquinas, dos motores, da electricidade — "Fiz até um instrumento de Morse, não de som mas de luz, para poder comunicar com o vizinho de baixo..." —, é o tempo de outra procura e de outras descobertas, o presente agora virado para outro mundo.

Em Abril de 1974, apanha o segundo avião que haveria de aterrar em Lisboa e chega com Jorge Martins. Em Lisboa, deslumbrado com o que via e estonteado com a Revolução e a rua, "passa-lhe pela cabeça ficar." Alguma coisa de "imperceptível" o faz desistir dessa primeira ideia e regressa a Paris.

"Quando me vi lá outra vez, disse para mim próprio: ainda bem que voltei... Em Portugal tudo se deteriorou tão depressa..."

"Virei-me para objectos mecânicos para fazer o gosto ao dedo... Coisas da natureza, mas animadas... Um mar com golfinhos, ondas, palmeiras que se agitavam ao vento, um arco-íris... Fiz tantos desses objectos..."

Ei-lo que deixa aterrar ali, na conversa, uma chuva de imagens como a rebelde floresta de desenhos que saturam a superfície das suas telas. E, no silêncio do "atelier", é como se agora começassem a dançar as imagens insólitas que habitam os seus quadros ou como se os milhares de peças que compõem os seus objectos mecânicos se pusessem, de súbito, a falar umas